 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a O GT Antropologia da T?cnica chega a sua terceira edi??o tendo contribuindo para a amplia??o do interesse pelo tema e a consolida??o desta ?rea de estudos na antropologia brasileira. A partir da defini??o de t?cnica como ?ato tradicional eficaz?, oferecida por Mauss, a compreens?o dos processos t?cnicos se desenvolveu com especial aten??o para a diversidade de rela?es e intera?es entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as pr?ticas, os conhecimentos e as habilidades que est?o na base das cadeias operat?rias, n?o como mera proje??o de uma tecnologia, mas como propriedades de a??o sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos t?cnicos, o trabalho como ato que coloca ?as m?os em obra?, centrado justamente na manifesta??o de habilidades pr?ticas, fruto da experi?ncia no ambiente, ele mesmo entendido como meio t?cnico, nos termos de Leroi-Gourhan. ?nfase tamb?m ser? dada aos efeitos oriundos das inten?es e de pr?ticas t?cnicas que redundam na configura??o de rela?es de poder. Tal proceder permite focar atos pol?ticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar for?as e materiais, n?o como em oposi??o ? dimens?o material, mas como t?cnicas de uso e de controle, fundamentais na forma??o de sistemas t?cnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnogr?ficos e anal?ticos que foquem os processos t?cnicos na dire??o de tais preocupa?es.

Entre peneiras e pentes: as técnicas dos trançados Waiwai a partir de coleções etnográficas

Autoria: Igor Morais Mariano Rodrigues

Ainda que frutos de seleção por parte dos colecionadores, podendo refletir mais as ?etnografias? do que os ?etnografados?, objetos etnográficos, como apontou Lucia van Velthem, testemunham manufaturas elaboradas de acordo com materiais e técnicas locais obedecendo aos parâmetros da sociedade que os produziram, possibilitando diversas reflexões sobre as escolhas responsáveis pela variabilidade dos artefatos e as etapas de sua manufatura. Em alguns casos, a depender das informações contextuais, as coleções etnográficas, concebidas enquanto documentos materiais, podem até mesmo fornecer elementos para abordar mudanças e continuidades técnicas ao longo do tempo, entrelaçando passado e presente numa perspectiva histórica. O povo Waiwai, de língua Karíb, atualmente está localizado no sul da Guiana, no sudoeste de Roraima, no norte do Amazonas e no noroeste do Pará. A partir da segunda metade do século passado, este povo vivenciou diversas mudanças, dentre as quais pode-se destacar a integração de diversos povos (yanas), culminando em uma situação multiétnica em que a língua Waiwai predomina, mas os indivíduos podem se autodenominar Waiwai, Mawayana, Xerew, Katuena, Karapawyana, Tunayana, Hixkaryana, Txikyana, entre outros yanas. Não obstante, antes da referida situação ganhar as proporções hodiernas, coleções etnográficas foram formadas por pesquisadores norte americanos, ingleses e dinamarqueses, na primeira metade do século passado, quando os Waiwai estavam praticamente concentrados no sul da Guiana. A partir da análise de objetos depositados em cinco instituições, nacionais e internacionais, cujas datas de formação das coleções perfazem aproximadamente cem anos, a comunicação

 ISBN: 978-85-87942-61-6

exibirá os primeiros resultados do estudo sobre variabilidade técnica e artefatual dos objetos trançados presentes nas mais variadas esferas da vivência do povo Waiwai, englobando artefatos cotidianos, como peneiras, abanos e cestos cargueiros; objetos usados em iniciações, como os destinados para fins vesicatórios; artefatos pessoais como caixas, cocares e pentes. Apresentar-se-á as técnicas observadas conforme as diferentes categorias de artefatos, indicando as permanências e mudanças observadas até o momento, recorrendo, sempre que possível, à informações e contextualizações etnográficas disponíveis. Buscando articular os conceitos de estilo tecnológico, proposto por Pierre Lemonnier, e o de identidade técnica, proposto por Olivier Gosselain, o conjunto das técnicas levantado será brevemente comparado com o que se conhece na bibliografia de outros povos Karíb das ?Região das Guianas?, no intuito de iniciar uma reflexão sobre as tramas de conhecimentos, habilidades e saberes técnicos inseridos nas conhecidas ?redes de relações? guianenses.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**